

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

6 DE MARÇO  
DE 1957

Director: Guilherme P. da Rosa  
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas  
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 1.012  
ANO 51.º

## NA REGIÃO POLAR

**U**PERNANGITSOK vivia nas cabanas destinadas aos nanuk, ou seja, aos caçadores. Não era difícil conhecê-las pela cor amarela, brilhante, de que eram pintadas, como não era difícil reconhecer, tanto em Jocolshaven como em qualquer outro centro da Gronelândia ocidental, as barracas dos marinheiros pelo seu tom azul, e graças ao vermelho cor de vinho, os armazéns, depósitos e a habitação do chefe da colónia (como insistiram zelosamente as autoridades dinamarquesas depois da anexação da Gronelândia ao território nacional).

Upernangitsok era um dos fiéis às normas do velho mundo que iam desaparecendo. A sua profissão, a mais antiga, a mais típica, a que o moderno sistema tentava substituir pela pesca, bastaria, só por si, como indicio. Outro, era o seu nome: na nova invasão de Malhias, Jacobs, Zacarias e tantos outros nomes de santos e profetas bíblicos, ele continuava a chamar-se Upernangitsok. Verdaderamente, pertencia a um mundo desaparecido. Na sua barraca pintada de amarelo, na noite que durava meses, o seu rosto de monge tibetano, descoberto à luz de uma lâmpada de «kerosene», parecia, ter cem, mil, dez mil anos. «É um valente — disse-me o guia intérprete. — Sempre sorridente e amável com toda a gente, mesmo com aqueles que sabia que, mal voltasse as costas, zombariam dele. É um tanto difícil compreender aquela gente. A nossa tarefa em discipliná-los dar-lhes-ia uma unidade. Quando julgamos tê-lo conseguido, eles escapam-se como água por entre os dedos. Outro dia, por exemplo, depois de longa argumentação, conseguiu-se arrancar de Upernangitsok o solene juramento de que nos ajudaria a descarregar certo material em determinado prazo. Passado esse prazo, o trabalho estava por fazer, e Upernangitsok sentado ao lado com a cabeça apoiada numa mão. «Então, é assim que te esforças» — «Não» respondeu ele, «mas veio-me um belo pensamento e é preciso conservá-lo». Upernangitsok sorri. Não compreendi uma palavra. Ele falava com o guia, unicamente na sua língua, comum a todos os habitantes do tecto do Mundo.

«Akimilek» sentenciou depois de uma pequena pausa, estupidamente teatral, «Ayornarman», Ayornarman, palavra de antiquíssima sabedoria. A sabedoria do anulamento e da resignação, que vai do nirvana ao nicevón. Ayornarman: está escrito, nada se pode fazer. E pelo Ayornarman, desde sempre, os habitantes do tecto do Mundo quando sentem chegar a sua hora, deitam-se e morrem com a serenidade de quem adormece. E os familiares, depois de recomendarem aos espíritos que lhes cuidem da alma, cosem-nos numa pele de foca, enterram-nos, e, imediatamente, retomam a vida como se nada tivesse acontecido. Pelo Hyornarman, toda a vida de Upernangitsok era uma simples sequência de meses, de trevas e meses de luz, cinquenta ou setenta horas a fio, de cada vez,

emboscado num bloco de gelo, esperando a passagem de um urso ou de uma rena; e durante essas horas, os akimileks passavam a falar-se entre os gemidos do gelo e os gritos do vento; a legendária gente «adoutros tempos»; o ciclope hiperbóreo o espectro que vigia os estrangeiros com os seus olhos enviesados e a cabeça oscilante da esquerda para a direita.

«Tudo isto, porém, está a acabar. A geração nova tem outra mentalidade» — disse o guia-intérprete, mas não me convenceu. Ainda poucas horas antes, alguém contara que, em certo aglomerado interior, tinha visto apagados todos os fogos, cruzes em cada porta e os habitantes, meio mortos de fome, trancados nas suas cabanas, porque a aldeia, — disse — fora visitada pelo demónio. No, fim de contas, tudo

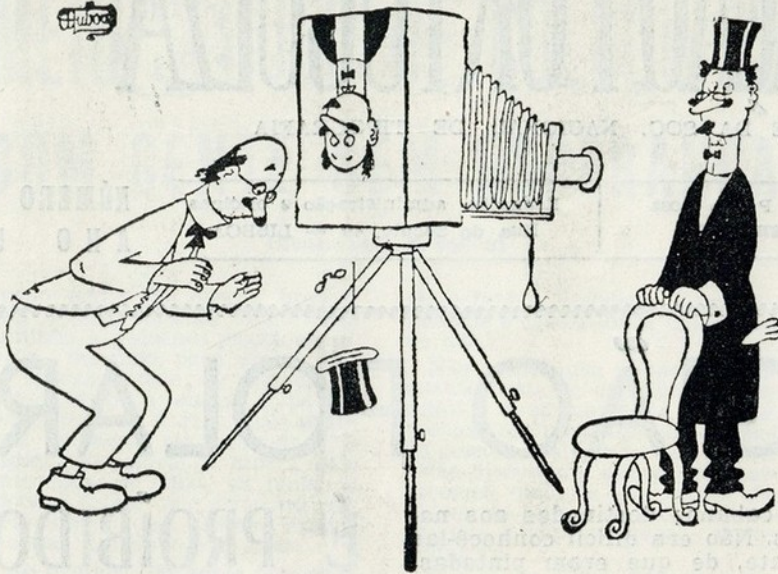
## É PROÍBIDO MUDAR DE MULHER

foi a alucinação febril de uma moribunda que, no delírio, gritava em alta voz pelos personagens de um passado amoroso pouco comum. E ainda hoje, mais de uma pessoa na Gronelândia recorre ao Quivitoc. O Quivitoc não corresponde verdadeiramente ao suicídio. É suicídio sim, mas um suicídio muito especial, suicídio lento, de cada instante, que exige redobrada coragem. O esquimó, que deixou de aceitar a luta com a vida, evade-se, retira-se do convívio humano e vai refugiar-se entre os gelos inacessíveis, esperando que o Inverno o não deixe sobreviver. Isto acontece apenas quando um homem perde o prestígio, ou seja cai no ridículo: que nada é mais grave, mais fatal, que o escárnio para um esquimó. Daí, o seu tradicional duelo, travado não com armas mas com palavras. Os dois rivais, postos em frente um do outro, numa prosa ritmada e acompanhada do tantã de um tamborete, cobriam-se um ao outro de frases pungentes e de mofo. E aquele que conseguia cobrir o adversário de ridículo era, aos olhos dos presentes, o vencedor.

«Grandes trevas cobrem o meu país — continuou a sentenciar, através do intérprete, Upernangitsok — muitas coisas vieram transtorná-lo e o pensamento dos homens vagueia longe. E, a mulher de Upernangitsok, que mau grado os seus olhos apagados se chama «pequena estrela», acrescentou: «Os gromelandeses nunca mais souberam o que é a paz desde que chegaram os homens novos». Isto foi o elo para que o guia retomasse o fio do discurso.

Mas, nada havia a dizer. A Gronelândia, especialmente depois dos anos de guerra, deu um belo passo em frente. Agora, existem escolas, hospitais, bibliotecas e estações de rádio, as montanhas vi-





SEM PALAVRAS

bram ao frêmito de escavações e as mulheres já não limam os dentes até às gengivas, nem se consomem curtindo e cosendo peles; em vez das complicadas vestimentas e botas de pele de foca, e os colares de contas coloridas, as gentes preferem comprar os belos fatos e vestidos que vêm de Copenhague. Em suma, a vida é muito menos dura; prova-o a diminuta mortalidade. Além disto, existem as bolsas de estudo: os gronelandeses são mandados para a Dinamarca até atingirem a cultura e educação do mundo europeu. Várias empresas tentam converter uma população de caçadores numa população de pescadores; e dos pescadores primitivos, de «kaiak» e arpões, fazer pescadores modernos com barcos motorizados e apetrechamento próprio.

E fizeram-se novas leis: dois deputados no Parlamento, o voto, o divórcio, tudo como na Dinamarca com excepção da moeda, por motivos de «contrôle» de circulação, e isenção do serviço militar.

A Gronelândia de hoje é a de Nils — o intérprete-guia — e de Mathias — o neto de Upernangitsok — que vive perto do aeroporto de Sondre Stromfjord, e vende «souvenirs» aos milhares de passageiros em trânsito na rota Los Angeles-Copenhague e vice-versa.

Apesar de tudo, o problema da Gronelândia «vis-à-vis» da Dinamarca, semelhante ao de tantos países do pós-guerra, não podia se de fácil resolução. Era o desequilíbrio de uma população primitiva arremessada contra a nossa civilização, caída num mundo que não podia, de um só golpe, tornar-se-lhe próprio.

A longa permanência dos americanos na Gronelândia depois da guerra habituou os indígenas a um ganho fácil, trazendo-lhes exigências e consequências inadequadas ao seu estado de maturidade. Presentemente, a mãe pátria tinha muito mais dificuldade em fazê-los subir, encaminharem-se

para um novo sistema de vida, tendo eles recebido, sem grande esforço, todas as regalias dessa vida moderna, mantendo no entanto a sua característica índole para a meditação e indiferença. Tudo lhes parecia devido. Inúmeras queixas vinham dos contratados para a Dinamarca que, passado pouco tempo, abandonavam os cargos e voltavam à Gronelândia como se nada lhes pesasse, com uma sorridente desenvoltura, e uma ausência absoluta de todo o senso de responsabilidade e dever.

Por outro lado, muitos dos gronelandeses eram infelizes. Durante séculos, os pais tinham modos de provar a todos — na luta contra os ursos, os lobos, as baleias e focas — o seu próprio valor. Cada expedição de caça ou de pesca, a bordo dos frágeis «umiak» ou «kaiak», com um arpão por arma, era um padrão de valentia pessoal. Isso era o que dava pres-

tígio ao homem. Agora, com todos aqueles instrumentos lamentavam-se de que os processos dos europeus os constrangiam e os diminuam, roubando-lhes individualidade e bravura. Ninguém tinha oportunidade de provar a sua habilidade e coragem e ser considerado valoroso. Todavia, as baleias abandonavam a costa, e, ainda que os gronelandeses não quisessem, teriam as coisas de mudar.

«Os homens novos — disse Upernangitsok — não fazem senão por-nos limites». Olhou a «pequena estrela» que lhe sorria com os pequenos olhos baços. Ao que ele aludia, na visão das novas leis, era a outra coisa que não estava a carácter de muitos gronelandeses. «Na Gronelândia, não existia o divórcio e tudo era muito mais simples» — continuou contando através do intérprete.

Quando, por exemplo, alguém empreendia uma expedição de caça, durante semanas, às vezes meses, levava consigo a mulher para que lhe preparasse as refeições, limpasse o vestuário e as armas, esquartejasse as presas e cosesse as peles: um rude trabalho. Acontecia, às vezes, que estavam doentes e não podiam acompanhá-los. Então, o homem recorria a qualquer amigo que tivesse a mulher em forma e não tivesse expedição em vista, e propunha-lhe a troca. A coisa era muito prática e corria bem. «Agora — acrescentou ainda, Upernangitsok — isto é proibido. Temos de o fazer sòzinhos. E porque o havemos de fazer sòzinhos se ninguém se importava com o contrário?!».

Este número da «Ilustração Portuguesa» foi visado pela Comissão de Censura



— O depósito está seco. Deviam ter começado por assaltar a bomba da gasolina...





Uma ivisão de um quadro icoregráfico em que a arte dá as mãos à beleza

# PARA A GENTE RIR...

## HABILIDADE

— Que presente de anos é que vais dar a teu marido?  
 — Olha, um cento de cigarros.  
 — Quanto te custaram?  
 — Nada. Há uns poucos de meses, tiro-lhe da caixa um ou dois cigarros por dia. Ele nunca deu por isso e vai ficar radiante por eu ter sabido escolher a qualidade de cigarros que ele fuma.

## HÁBITOS DE CELEBRIDADE

O polícia de trânsito para o camarada:  
 — Aquilo é actriz, com certeza. Quando puxei do meu livro e ia passar a multa, ela arrancou-me da mão, escreveu o autógrafa e abalou a toda a velocidade!

## CONSELHOS PATERNIAIS

— Nota que há duas coisas necessárias se quisermos ser bem sucedidos nos negócios meu rapaz: a honestidade e a sagacidade.  
 — Que é a honestidade, pai?  
 — É, por mais adversa que as circunstâncias nos sejam, e aconteça o que acontecer, conservarmos-nos sempre fiéis à palavra dada.  
 — E a sagacidade?  
 — É não a dar nunca.

## HÁBITOS VELHOS

Barnabé encontra um amigo que enviudara há poucos dias.  
 — Dou-lhe os meus sentidos pês-

sames. Há quanto tempo era você casado?

— Há trinta anos!  
 — É muito duro, isto de perder a mulher justamente quando uma pessoa principia a acostumar-se a ela!

## ENTRE MARIDO E MULHER

ELA — Não sei como não morreste de vergonha diante do nosso motorista! Recolher a casa nesse estado!

ELE — Ora adeus filha. O motorista ainda está mais bêbado do que eu!

## DESMIOLADOS

— Brízida, já lhe disse duas vezes o que há-de fazer hoje para o jantar, e ainda mo torna a perguntar! Você não tem miolos, mulher?

— Não, minha senhora; não há nenhuns cá em casa.

## ADIANTAMENTO

O AVÔ — Prometi-te uma bicicleta se ficasses bem no exame, mas afinal ficaste reprovado. Devias ter estudado mais. Em que empregate o tempo?

O NETO — Empreguei-o aprendendo a andar de bicicleta, avô.

## A «DOLOROSA»

— Então, doutor, afinal sempre cumpriu a sua promessa quando disse que me havia de pôr a an-



— Largue já essa pechincha!



— Até que enfim... o meu vestido vai voltar a estar na moda!

dar por meu pé no prazo de um mês.

— Bem, bem, é motivo para estarmos satisfeitos.

— Pois é verdade, tive de vender o meu carro quando recebi a sua conta.



# PORTUGAL

## RECEBEU A HONROSA VISTA

DE  
**ISABEL II**  
COMO REPRESENTANTE  
DA VELHA ALIADA  
DO NOSSO PAÍS

**E** SPECTÁCULO grandioso foi o da chegada da rainha Isabel II e seu marido o duque de Edimburgo.

Poucas foram as terras portuguesas que não se fizeram representar nas recepções que em



A rainha Isabel II com a Ordem da Jarreteira



O povo rodeando o coche em que seguia Isabel II



O príncipe de Edimburgo e Isabel II

sua honra se realizaram pelo nosso País fora. Pode dizer-se que nunca um soberano estrangeiro viu tão grande apoteose como aquela que aos régios visitantes foi dispensada.

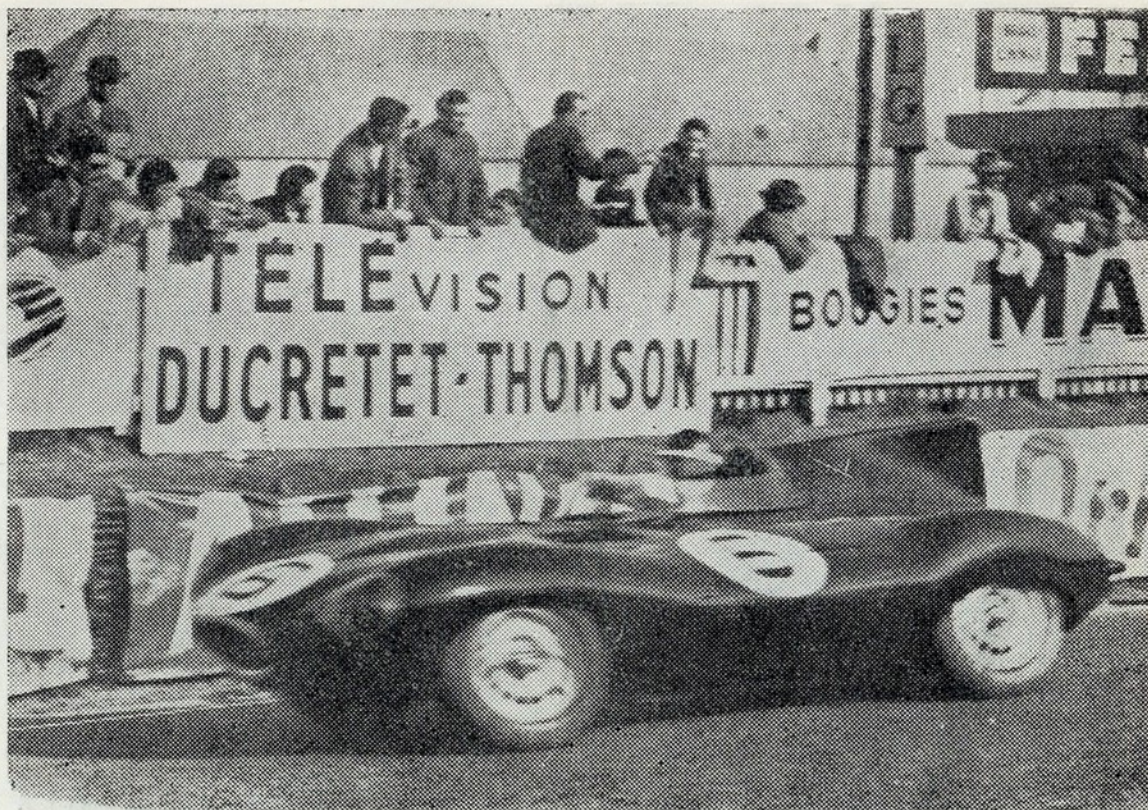
Lisboa e Porto viveram horas de grande entusiasmo. Todas as solenidades traçadas no programa foram respeitadas à risca. Desde a sua chegada até à sua partida do território português, Isabel II e seu esposo foram cumulados de atenções e manifestações de carinho que os deve ter sensibilizado, ante a grandeza, a generosidade e o cavaleirismo do povo da nossa terra.

Por toda a parte, onde quer que os soberanos aparecessem, as manifestações sucediam-se num frémito de sincero e franco entusiasmo, colaborando francamente, na onda de alegria que havia invadido a alma lusitana.

Assim, uma vez mais, ficou bem bem vincado o quanto Portugal aprecia e estima o seu mais velho aliado, a quem nem o tempo nem as lutas externas conseguem destruir os laços que prendem uma nação à outra.

Isabel II com o seu sorriso encantador e a sua presença simpática, foi o que se pode chamar uma alma santa em corpo de rainha que visitou Portugal e em quem a Inglaterra e os seus domínios têm os seus olhos postos, esperanças de que ela fará o máximo pela união cada vez maior do seu povo, nesta hora conturbada por que o Mundo está passando.





A rádio como a televisão desempenham papel de grande importância no campo desportivo. A gravura mostra uma equipa de televisão em acção por ocasião das últimas 24 horas do Mans

## QUEM TEM FOME ATÉ OS BICHOS COME...

**S**ÃO João Baptista, quando andava pelo deserto da Judeia, comia gafanhotos, com os quais se alimentam, ainda hoje, certos povos nómadas sem muitos mais recursos.

Também na Palestina, as cigarras fritas constituíam delicada iguaria nos banquetes dos aristocratas de Jerusalém, nos tempos de Cristo, cujos discípulos comiam o que lhes caía do céu e eram, muitas vezes, insectos alados.

O hábito de comer insectos, preparados até com todo o requinte de apetitosos manjares é ainda corrente entre muitos povos.

Na Índia, confecciona-se fina docaria com farinha de térmitas, que, em África, são muito apreciadas, fritas em manteiga, recheando uma espécie de torta frita com bananas amassadas.

As formigas vulgares são cozinhadas de várias maneiras, no

México; nos países do Extremo Oriente deliciam-se com abelhas, tostadas ao lume brando, misturadas ao arroz ou como recheio de omeletas, enquanto na Carolina do Sul e nas Bahamas preferem as vespas e os Chineses sentem crescer água na boca ante um prato de bichos da seda.

Nalgumas aldeias francesas são petiscos muito apreciados certas espécies de besouros e lagartas, as quais, principalmente as dos pinheiros, são o grande alimento dos índios da Califórnia.

Grilos comem-nos os marroquinos e os que vivem nas escabadas montanhas da Berbéria agradam-se dos escorpiões e muito se contentam quando os têm para comer.

Sempre é melhor do que rilhar as pedras onde os lacraus se escondem — e lá diz o ditado, do tempo dos moiros, que quem tem fome até cardos come.

contacto; com o pano; as de «ténis», um pouco ásperas, para que o toque da raquete torne o golpe certo, enquanto o revestimento das que servem para o «golff» é um pouco granulado, notando-se as chamadas «covinhas», sem as quais não ganhavam a altura e a velocidade desejadas.

Na sua máxima velocidade, a bola de «golff» atinge cento e noventa quilómetros à hora, com três mil e seiscentas rotações por minuto. E aqui está a razão por que essas bolas têm a superfície enrugada, pois se assim não fosse ficaria prejudicada a sua elevação no espaço, visto que as «covinhas» prendem, no movimento rotativo o ar que as faz subir.

As rugas devem ter, pelo menos, trinta e oito centímetros de profundidade, para que a bola possa ser projectada à distância de duzentos e sessenta e um metros. Empregando a mesma força, ao atirá-la, o jogador não conseguiria que a bola, sendo lisa, fosse além de cento e quarenta e seis metros.

No entanto, se as rugas tivessem maior profundidade podem atingir mais altura, mas não vão tão longe.

Todas as pequenas coisas em que às vezes não se repara, ou mesmo nunca, têm como se vê, importância fundamental para o fim a que foram destinadas.

## PORQUE VOAM AS BOLAS DE "GOLFF"?

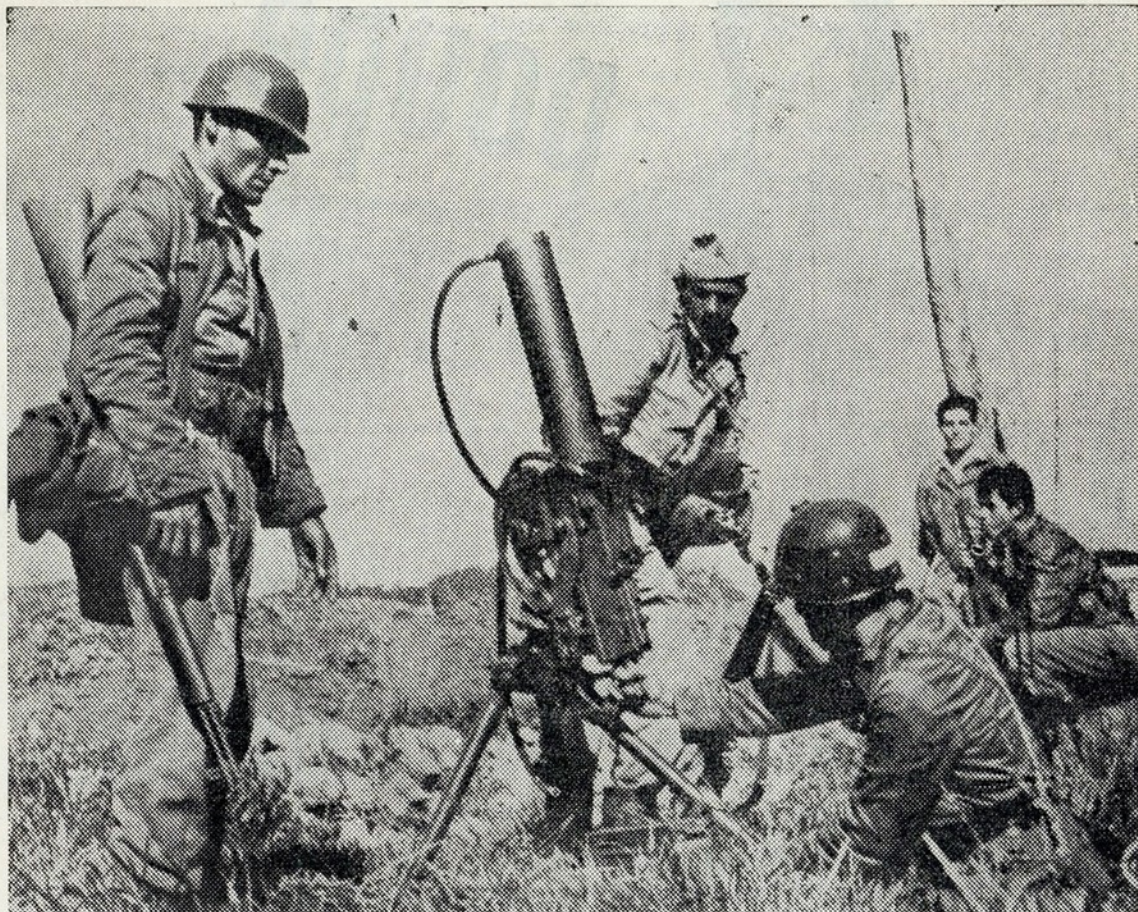
**T**UDO tem a sua história e para todas as coisas há uma explicação.

As bolas de bilhar, por exemplo, são lisas como se fossem de vidro, para evitar o atrito em

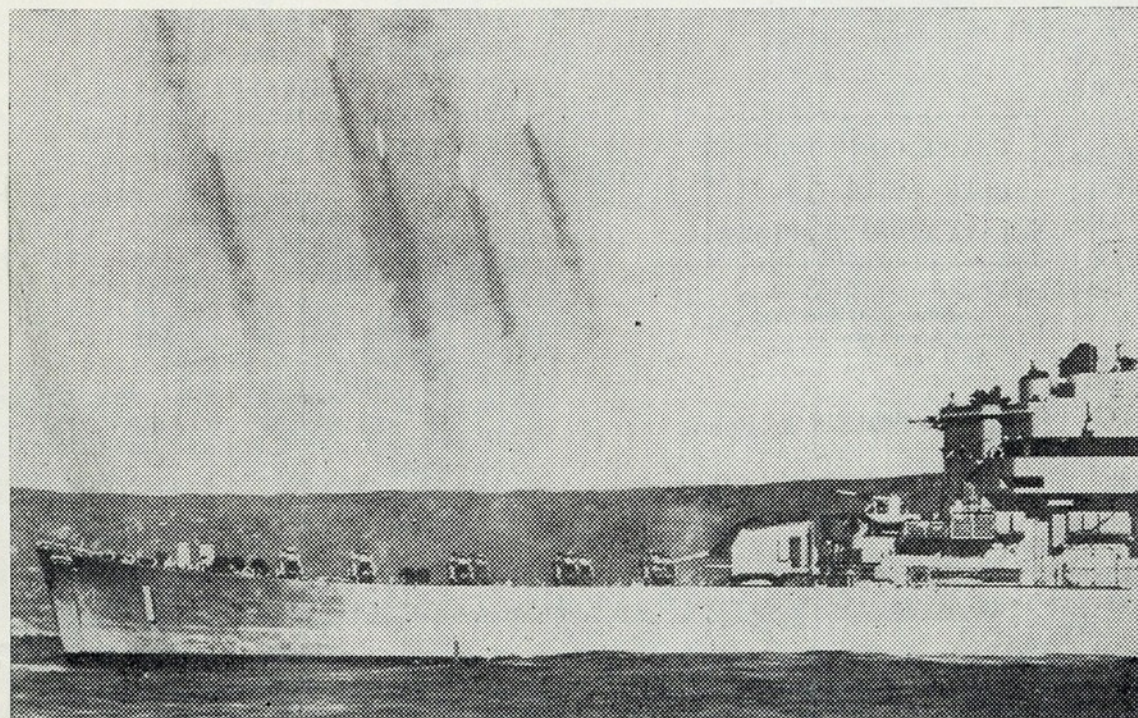
Leia às quintas-feiras  
**O «PIM-PAM-PUM»**



# EXERCÍCIOS COM NOVAS ARMAS



Num exercício com novos morteiros



Aparelhos teleguiados de bordo de uma unidade da esquadra americana no Pacífico





...A VIDA DA SUA ROUPA!...

...usando na lavagem:

# SABÃO ACTIVADO CUF

PELA SUA ESPECIAL COMPOSIÇÃO, NÃO ATACA NEM A RESISTÊNCIA DO FIO, NEM A ELASTICIDADE NATURAL DOS TECIDOS, FAZENDO-OS DURAR MUITO MAIS.

USA-SE COMO QUAL-  
QUER SABÃO COMUM  
LAVA COMO NENHUM \*

\* Contém CMC (carboximetilcelulose) o mais poderoso agente para desencardir a roupa.

5\$00 CADA EMBALAGEM DE 500 GRS.

- AMACIA A ÁGUA DURA
  - DEENCARDE A ROUPA BRANCA
  - AVIVA A ROUPA DE COR
- TAMBÉM LAVA E DESENGORDURA TODA A LOIÇA.



UM SÉCULO DE EXPERIÊNCIA NO FABRICO DE SABÃO

CUF-7